Data: 23.01.2018

Titulo: REFORMA FLORESTAL: NOVO PINHAL DE LEIRIA PODE TER MAIS SOBREIROS DO QUE...

Pub: Diário de Notícias

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;4;5

Área: 1801cm²/ 57%

Tiragem: 24.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5987153

REFORMA FLORESTAL: NOVO PINHAL DE LEIRIA PODE TER MAIS SOBREIROS DO QUE PINHEIROS

PÁGS. 4 E 5

Data: 23.01.2018
Titulo: REFORMA FLORESTAL: NOVO PINHAL DE LEIRIA PODE TER MAIS SOBREIROS DO QUE...
Pub: Diário de Notícias
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Destaque
Pág: 1;4;5

QuickCom comunicação integrada

Área: 1801cm²/ 57%
Tiragem: 24.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 5987153

DN+ Recuperar dos fogos

Costa avança com reforma florestal que privilegia sobreiros e outras espécies

Pinhal de Leiria. Continuará a chamar-se pinhal, mas grande parte dos 250 milhões de árvores plantadas na mata nacional podem ser sobreiros

PAULA SOFIA LUZ

António Costa já não estará cá para ver o grande porte que atingirá o sobreiro que ontem plantou em Vieira de Leiria, ao lado do pequeno Tomás, aluno do Agrupamento de Escolas da Vieira de Leiria. Mas o primeiro-ministro acredita que, simbolicamente, esse é o legado de segurança e reflorestação a deixar às gerações futuras.

"Ao mesmo tempo que plantamos, temos de saber plantar melhor, ter a coragem de cortar o que tem de ser cortado para termos um território mais seguro", disse Costa ao final do dia, quando assistia à apresentação da estratégia de recuperação do pinhal do rei, na Marinha Grande, concelho que viu desaparecer nove dos onze hectares da mata nacional de Leiria nos incêndios de 15 de outubro último.

Horas antes, no talhão 9 junto à Escola Secundária de Vieira de Leiria, o primeiro-ministro plantou também ele um pequeno sobreiro, acompanhado do ministro da Agricultura, Capoulas Santos, dos secretários de Estado e uma vasta comitiva de responsáveis do Estado. E foi nessa viagem – que fez de autocarro, com apenas uma paragem para assistir ao corte de algumas árvores, aumentando as faixas de proteção – que o líder do governo pôde comprovar "a resistência ao fogo" por parte dessa espécie. Enquanto os pinheiros arderam a toda a velocidade naquele que a Proteção Civil considerou "o pior dia do ano de 2017", os sobreiros fizeram de escudo às chamas.

O governo não avança, pelo menos para já, com valores inerentes ao investimento que começa a ser feito na floresta nacional, mas há alguns números que Costa tem para apresentar, quando recorda o apoio de emergência que o Estado já deu: 46 milhões de euros aos agricultores e 26 milhões aos empresários, na tentativa de minorar os imensos prejuízos causados pelo fogo; há ainda a reconstrução das primeiras habitações e as indemnizações "às perdas irreparáveis das vítimas mortais".

De resto, tanto o ministro Capoulas Santos como o primeiro-ministro deixaram na Marinha Grande a determinação de avançar com a reforma da floresta nacional, a exemplo do que acontecerá no pinhal de Leiria, forçosamente. "Queremos que o novo pinhal do rei seja melhor do que aquele que tínhamos", sublinhou Costa, lembrando que a tragédia de outubro – como a de junho, no interior – "não foi obra do acaso, mas antes por causa das profundas transformações que o território sofreu nas últimas décadas, do desordenamento da floresta e do impacto profundo das alterações climáticas". E por isso insiste na importância da reforma florestal, um trabalho que demora-

Data: 23.01.2018
Titulo: REFORMA FLORESTAL: NOVO PINHAL DE LEIRIA PODE TER MAIS SOBREIROS DO QUE...
Pub: Diário de Notícias
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Destaque
Pág: 1;4;5

Área: 1801cm²/ 57%
Tiragem: 24.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 5987153

rá pelo menos uma década. "Sabemos bem a resistência que vamos ter. Não é por acaso que o cadastro parou a sul do Tejo há mais de um século, mas temos de o fazer", concluiu, depois de assistir à assinatura do acordo de cooperação para a criação da Comissão Científica do Programa de Recuperação das Matas Nacionais.

Na prática, o novo organismo reúne os responsáveis do Instituto de Conservação da Natureza e das Floresta (ICNF), do Instituto Superior de Agronomia e Veterinária e de sete universidades e politécnicos de todo o país. Na mesma ocasião foi constituído o Observatório Local do Pinhal do Rei, que integra 23 personalidades e instituições da Marinha Grande, desde autarcas à sociedade civil, que vão acompanhar de perto a recuperação.

Madeira ardida rende milhões

À margem da assinatura dos acordos e da apresentação da estratégia nacional, o presidente do ICNF, Rogério Rodrigues, disse aos jornalistas que só em março próximo saberá a que corresponde o reforço de meios humanos e técnicos que o governo lhe prometeu.

"O que temos pela frente são alguns milhares de hectares que vão ter de ser arborizados, porque a regeneração natural não terá efeitos. E da que vingar teremos processos mais longos. Por isso é preciso diversificar as espécies. Dar outras potencialidades à mata, como áreas de recreio e usufruto por parte da comunidade." Aquele responsável – a quem coube a apresentação do plano – estima que este não seja um processo "para um ano nem sequer para uma década. Nos primeiros cinco a dez anos vai ter o maior impacto de investimento, mas vai durar sete décadas, o tempo que demora a sucessão dos povoamentos florestais". Até lá, é preciso que haja "uma gestão florestal que obriga a investimentos ativos, duradouros e persistentes. Todo o património não vai regenerar e gerir-se por si. É preciso muito investimento – florestal, mas também no reforço do ICN e dos seus meios".

RICARDO GRAÇA/GLOBAL IMAGENS

Nos próximos seis meses a comissão científica vai debruçar-se sobre esse plano, "e só nessa altura haverá um valor do investimento". Mas há pelo menos uma certeza: a quantidade de madeira que ficou do incêndio e que vai ser alienada a partir de sete grandes matas – desde a mata nacional de Leiria até à mata do Urso, passando pela Figueira da Foz, desde Quiaios até Vagos. No conjunto, têm para vender 1,7 milhões de metros cúbicos de madeira (a maioria de serração e uma parte de trituração), dos quais 530 mil metros cúbicos estão no pinhal de Leiria. Caberá ao Instituto Superior de Agronomia e à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro apurar os valores efetivos, que irão ser alienados em praça pública a partir deste mês. Rogério Rodrigues não avança com números definitivos, mas arrisca um valor: cerca de 35 milhões de euros.

Combate à desertificação vai exigir "um debate mais aprofundado e conclusivo no âmbito parlamentar" diz Carlos César

Data: 23.01.2018
Titulo: REFORMA FLORESTAL: NOVO PINHAL DE LEIRIA PODE TER MAIS SOBREIROS DO QUE...
Pub: Diário de Notícias
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Destaque
Pág: 1;4;5
Área: 1801cm²/ 57%
Tiragem: 24.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 5987153

António Costa plantou ontem um sobreiro em Vieira de Leiria, no processo de reflorestação do pinhal que ardeu em outubro. Carlos César andou em Penacova a inteirar-se dos estragos dos incêndios

FERNANDO FONTES/GLOBAL IMAGENS

GRUPO DE TRABALHO

Bombeiros unem-se a comandantes

› Os bombeiros estão a organizar todas as suas estruturas representativas para lutar "pela valorização profissional" e "apresentar propostas ao governo para a legislação do setor". A reunião para criar um grupo de trabalho esteve marcada para ontem, em Lisboa, mas foi adiada para a semana por "imprevisto familiar de um comandante". A iniciativa é inédita e procura juntar dirigentes da Federação Nacional de Bombeiros Portugueses, da Associação de Comandantes dos Bombeiros de Portugal, da Associação Nacional de Bombeiros Profissionais e da Associação Portuguesa dos Bombeiros Voluntários. "É a primeira vez que os representantes dos bombeiros portugueses e comandantes se juntam à mesma mesa para debater soluções para os problemas do setor", referem estes operacionais em comunicado.

ENTREVISTA

"Gestão do Estado deve ser exemplar"

HELENA FREITAS
PROFESSORA E INVESTIGADORA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Qual é a importância do pinhal de Leiria?
Tem uma simbologia muito forte, desde logo do ponto de vista da história, porque é resultado do primeiro ato político de

Área: 1801cm²/ 57%

Tiragem: 24.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5987153

ordenamento do território pelo D. Dinis. Foi um rei muito especial, com uma importância excecional na forma como olhou para o território, e na nossa identidade coletiva ficou essa marca, da mata do rei. Além disso, é uma mata nacional, o que implica uma responsabilidade do Estado na sua gestão, que tem de ser exemplar. Por isso é importante a decisão agora tomada de fazer da recuperação do pinhal de Leiria um projeto exemplar.

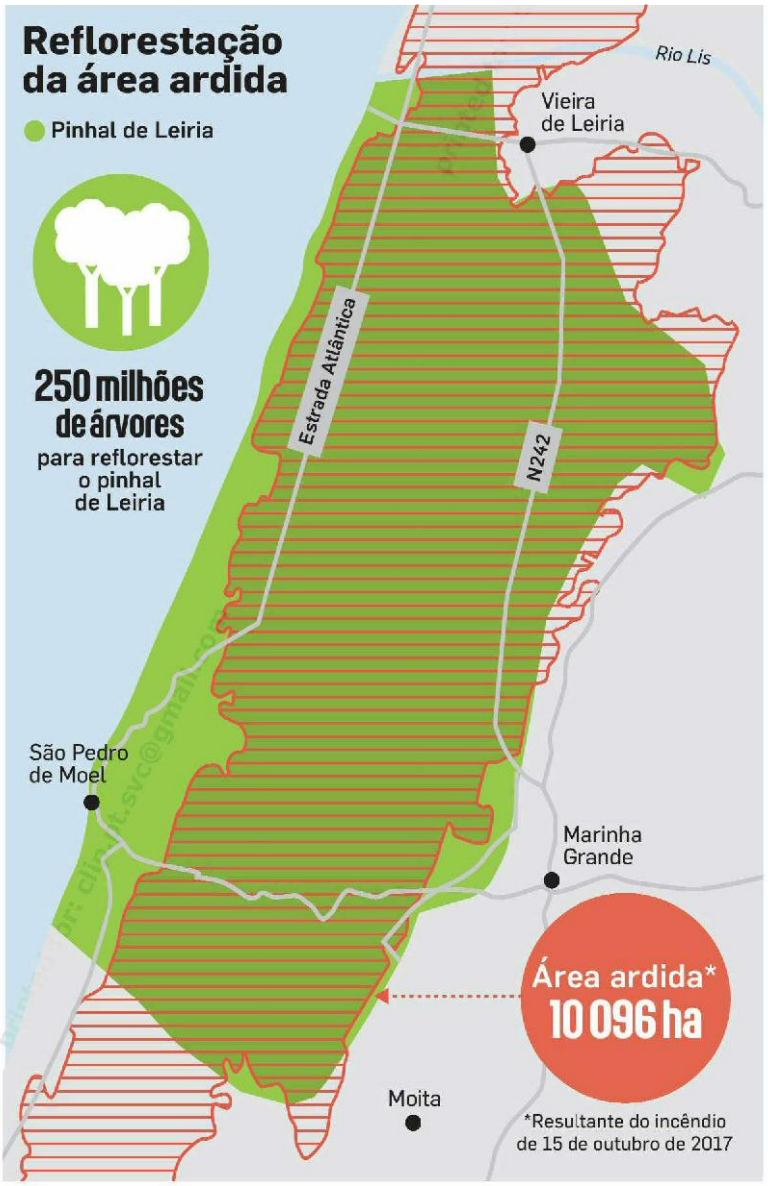
E do ponto de vista ecológico?

A sua primeira função foi a de fixar as areias. No final do século XIX, princípios do XX, já depois de ter sido importante para a construção de navios durante os Descobrimentos, houve uma orientação para a produção de madeira e resinagem. A Marinha Grande viveu um expoente com a resinagem. Vale a pena lembrar que este pinhal foi durante muito tempo, até há três ou quatro décadas, um exemplo de boas práticas silvícolas. Mas as instituições perderam recursos humanos, como sapadores e guardas-florestais, o que implicou perda de conhecimento técnico-científico. Houve um certo desmazelo associado à gestão desta mata, que passou de bom a mau exemplo de gestão.

O que tem de ser feito para regressar a uma boa gestão?

Penso que o ICNF está a fazer um grande esforço para tornar este momento uma oportunidade para recuperar o pinhal de Leiria, para ser viável a longo prazo. É muito complexo, porque ardeu na quase totalidade, mas o ICNF está a fazer uma intervenção ativa, removendo o que pode representar um risco, como madeiras queimadas, e ampliando a margem de segurança junto às estradas. E há a colaboração com as universidades, que vão elaborar nos próximos seis meses a proposta do modelo de silvicultura que deve orientar a sua gestão ecológica.

FILOMENA NAVES



Data: 23.01.2018
Titulo: REFORMA FLORESTAL: NOVO PINHAL DE LEIRIA PODE TER MAIS SOBREIROS DO QUE...
Pub: Diário de Notícias
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Destaque
Pág: 1;4;5

QuickCom comunicação integrada

Área: 1801cm²/ 57%
Tiragem: 24.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 5987153

Ver as feridas e em busca de soluções para a desertificação

REPORTAGEM PS "não precisa de novos aliados", mas o PSD pode tornar-se um "interlocutor válido", diz Carlos César

RUI MARQUES SIMÕES

Anabela continua com a casa em ruínas, Antero quase só tem cinzas para cultivar e António está a reerguer a empresa praticamente sozinho. As feridas dos incêndios do ano passado – e, em última análise, da desertificação que afeta parte do território nacional – tardam a sarar no concelho de Penacova (distrito de Coimbra). Foi para conhecê-las que os deputados se fizeram à estrada ontem no arranque das Jornadas Parlamentares do PS, subordinadas ao tema "Proximidade, transparência e descentralização". Para hoje fica a discussão de eventuais soluções, sem precisar de "novos aliados", mas com a expectativa de que o PSD, sob a liderança recém-eleita de Rui Rio, se torne um "interlocutor válido" nesse debate – como reconheceu o líder parlamentar dos socialistas, Carlos César.

Com o grupo parlamentar dividido em visitas a 12 dos concelhos mais afetados pelos fogos de junho e de outubro (nos distritos de Coimbra, Leiria e Viseu), coube ao líder da bancada socialista encabeçar a comitiva que percorreu as paisagens ainda enegrecidas de Penacova e ouvir as histórias do que as chamas levaram. "Pensei que não saía daqui viva", contou em Travanca do Mondego Anabela Santos, à espera de que o projeto de reconstrução da sua casa e do marido, António Dias – uma das 56 danificadas no concelho – seja desbloqueado.

"Máquinas e alfaias... tudo o que tinha para serviço ardeu", lamentou-se, quilómetros adiante, em Ribeira, Antero Mendes, agricultor de subsistência ("uns cereais para as cabras e as ovelhitas, umas couves, umas batatas..."), a quem já não compensa coletar-se nas Finanças para pedir compensações pelos 30 mil euros perdidos. "Temos de avançar. Há muita gente à espera de receber [indemnizações] para só depois fazer obras, mas eu não quis", explicou, em Outeiro Longo, António Almeida, que não esperou pela candidatura a apoios para começar a reerguer a fábrica de reciclagem na qual terá sofrido um prejuízo de 300 mil euros ("ainda não tive tempo para tratar disso").

Foi à porta do pavilhão reconstruído da empresa que Carlos César fez o balanço da jornada. "Esta não é uma visita para fazer propaganda do governo, mas também não é para estimular desesperanças. É destinada a – tomando conhecimento daquilo que carece de uma solução – procurar melhorar as condições para que o governo tome a decisão adequada", afirmou. Esse é o trabalho de curto prazo. A longo prazo "há outras medidas de natureza mais estrutural e reformista [de descentralização e combate à desertificação do interior do país], que implicarão um debate mais aprofundado e conclusivo no âmbito parlamentar". E esse será um dos temas em discussão hoje em Coimbra, no segundo e último dia das Jornadas Parlamentares do PS – o outro será a transparência

Com essas reformas em cima da mesa, o líder parlamentar (e presidente) do PS estende a mão ao PSD, mesmo admitindo não necessitar de novos parceiros. "Não precisamos de ter novos aliados, mas precisamos de todos os interlocutores", referiu, já depois de ter mostrado expectativa de que o maior partido da oposição se torne "um interlocutor válido". "No plano partidário temos uma situação de transição num partido político que é relevante para a democracia portuguesa e para todos os acordos e consensos que são sempre necessários. Desejamos que, resolvido este período em que o PSD se tornou um pouco terra-de-ninguém, estejam criadas as condições para uma interlocução mais sólida", disse, sem querer alimentar polémicas quanto a algum mal-estar no BE e no PCP devido à eventual aproximação PS/PSD. "É muito importante manter a atenção naquilo que nos trouxe até aqui", frisou – eram as feridas de desertificação.